



Chrys Chrystello*

O que é a Lusofonia - Parte 4 (II)

20 anos de colóquios de 2002 - 2022

Santa Catarina, a décima ilha açoriana? MAR 2010

Brasil, Santa Catarina, 13º Colóquio, o primeiro em Terras de Vera Cruz, no Estado mais açoriano de todos. Chegamos a Florianópolis, a 30 de março. Almoço com os organizadores locais. Antes de recolher ao hotel, levaram-nos ao Morro da Cruz, o ponto mais alto de Floripa, e desfrutar uma vista de 360º. Fomos escutados pela PM com um aparato que todos estranharam, sirenes a apitar, luzes a piscar, um batedor em moto e jipe da Polícia Militar com um casal de jovens policiais. Disseram que era pelo perigo de assalto no Morro. Eram todos militares e da secreta mais pareceu que queriam ouvir o que tínhamos para dizer. O carro do governo que me fora atribuído, e nos primeiros dias eu cedera aos Professores Malaca e Bechara, desapareceu ao terceiro dia, tal como surgira. O motorista devia ter reportado que éramos inofensivos e não estávamos ali para intentar nada. Seguiu-nos como uma sombra, de ouvido atento. Disse abertamente, no primeiro dia, que fora da «secreta», agora conduzia carros oficiais.

Estivemos relaxados, tempo para banhos na piscina e retemperadores no «jacuzzi», com excelente vista para o continente e a baía fronteira ao hotel Maria do Mar. Na manhã seguinte, dia 31, fomos à UFSC (éramos assistentes presenciais no Seminário das Cidades Fortificadas) e seguimos para o colégio Salvatoriano N. S. de Fátima no continente (Educação Básica e Média) onde havia receção com alunos, curiosos bailados elogiando a Língua Portuguesa e um varal sobre o novo acordo ortográfico. Curiosamente não se viam índios nem negros entre os alunos, na maioria brancos e louros. Colégio católico, provavelmente dispendioso para as minorias desprivilegiadas. Depois, a Sessão de Esclarecimento a professores e alunos, com debate e pequena mostra de poesia por três alunas.

Após o almoço, seguimos para a receção na Câmara de Vereadores, com homenagem à comitiva. O Presidente presenteou todos, numa cerimónia simultaneamente descontraída e formal. Fomos à UNISUL onde mostraram a Universidade Virtual de ensino a distância. Era aqui que tínhamos previsto o curso de Estudos Açorianos. A coordenadora do curso era uma das coorganizadoras locais, mas perdeu a confiança por plágios e outros que aqui não vêm à liça.

Dia 1 de abril saímos bem cedo para o passeio ao sul da ilha. Continuou-se na visita ao Ribeirão da Ilha, cidade costeira com traços açorianos e habitantes orgulhosos do passado, bem visível nos nomes «açorianos» que davam a tudo. Fomos ao EcoMuseu em honra de Franklin Cascais, sendo nosso guia o veterano professor Nereu do Vale Pereira, dono do local e amante da história açoriana.

Antes, estivemos nas águas calmas do Porto do Contrato, belo local para viver e onde se fixaram há mais de 200 anos os primeiros açorianos contratados que criaram o Estado.

Seguimos para outra cidade costeira, o Pântano do Sul, almoço no restaurante Arantes, o mais açoriano de todos, que tem nas paredes uma homenagem a Vamberto Freitas. Foi aqui que a Manuela Marujo comprou a vivenda para passar seis meses enquanto não se reforma da universidade canadiana.

Dia 2 bem cedo para um passeio de escuna às Fortalezas de Santa Cruz na ilha de Anhatomirim, Sto António de Ratonas, e São José da Ponta Grossa (passeio do Seminário das Fortalezas).

Almoço descontraído, calor intenso na Praia dos Golfinhos (não vimos nenhum). Belas construções fortificadas com lendas de heróicas defesas contra os espanhóis, franceses e holandeses, em Anhatomirim se construiu a primeira residência oficial do governador do estado. Ali tivemos a representação do Imperador e D. Carlota Joaquina a agradecer os nobres e armá-los cavaleiros.

Espantosa a semelhança da senhora com D. Carlota. A viagem foi cansativa, acabou tarde e a más horas, os organizadores excediam-se em explicações científicas. Como nas noites anteriores no hotel havia um grupo de música (em farra e folia ninguém o faz melhor).

Sábado 3 de abril, fomos a mais uma cidade costeira, no norte da ilha, Santo António de Lisboa, uma das povoações mais antigas, área de preservação cultural que guarda a tradição da comunidade pesqueira, com casarios centenários e uma rua com pedras brutas do tempo da escravidão. Destaque para a Igreja de N. Sra. das Necessidades (1750-1756), e a bicentenária Casa Açoriana, galeria de arte e museu popular. Almoço no Restaurante Chão Batido. Devo confessar que não vi, tantas semelhanças como as que dizem existirem com os Açores. As fotografias não me deixam falar da açorianidade arquitetónica ou urbanística. Existe como elemento metafísico, invisível e intangível, sempre presente, a açorianidade das gentes é mais um estado de alma. O Brasil é um misto de muita pobreza generalizada e minoria muito rica, enormes conquistas tecnológicas e atraso social. Os bancos funcionam como em 1960, a Internet é lenta e cara, o café é intragável (exportam todo o bom?) e os correios funcionam mesmo muito mal, país de contrastes, pouco cosmopolita e demasiado coloquial.

Eram locais paradisíacos com belas praias e uma paisagem maravilhosa em inúmeras baías povoadas de pequenas ilhas a estimularem a vontade de as comprar e nelas habitar. Por momentos, sonhamos deixar os Açores e ali fixar residência.

Com mil euros já se vive confortavelmente, o custo de vida é barato, sem andar atrás de modas e marcas. Era a solução para a Helena se desvincular do ensino, que tão poucas satisfações trás. Anda cansada e desiludida com a missão de ensinar, limitadíssima, e ocupa-se de tudo menos da função primordial, formar jovens com conhecimentos.

O Brasil, de Santa Catarina, não é só feito de praias divinais, este país vive numa burocracia napoleónica como Portugal já teve. Apesar do progresso e competitividade em áreas de desenvolvimento económico, é um Brasil da Polícia Militar, omnipresente, tal como as suspeitas de corrupção e nepotismo em cada canto. Diga-se, a propósito, que os prefeitos nos apresentaram as primeiras-damas com cargos executivos, era demasiada coincidência. Aprenderam a lição de Portugal, disse com os meus botões. Quem exerce o poder, a qualquer nível, fá-lo de forma discricionária e despótica sobre os pobres e desvalidos que se lhe têm de submeter sob risco de perderem mordomias ou meros apoios a candidaturas. Uma intrincada teia de interesses que o poder tece e que ameaçou implodir em pleno seio dos Colóquios. Ou, como a Helena diz, este povo não só faz telenovelas, vive-as a cada minuto. Isto é perigoso, pois funciona no sistema teia de aranha que a todos enleia antes de os devorar na intrínseca fome de protagonismo.

Nada disso busco, já tive muitos 15 minutos de fama, como diria o Andy Warhol. Estas guerras da manjerona deixavam-me agastado em terras onde seria sempre estrangeiro, apesar da vovó brasileira e da família que ali vive.

Um mês passado, recordo as paisagens, a costa, os mares calmos, a neblina ao amanhecer e os magníficos pôr-do-sol. A herança açoriana, eles sentem-na e defendem com unhas e dentes. Aparte uma ou outra casa de «tipo açoriano», qualquer que seja a definição, encontrei o sentimento de pertença aos Açores. Este sentimento, já o disse no Crónico Açores, é peculiar quer estejam no Canadá, EUA ou Brasil. Todos se afirmam mais açorianos do que os açorianos.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713

PSP detém homem na Lagoa que roubava contadores de água

A PSP procedeu à identificação de um indivíduo, do sexo masculino, de 36 anos, pela presumível autoria de diversos furtos, no concelho da Lagoa. Atendendo ao aumento exponencial de crimes de furto de contadores de água perpetrados, recentemente na freguesia do Cabouco, e aos constrangimentos provocados aos seus usufrutuários, os investigadores efetuaram um conjunto de diligências de carácter

prioritário e urgente, que permitiram a recolha de provas que indiciam fortemente o referido indivíduo como sendo o principal responsável pela prática da factualidade em investigação. No decurso das referidas diligências efetuadas pela PSP, as quais culminaram na realização de uma busca domiciliária que permitiu apreender vários utensílios relacionados com a prática do crime em investigação, in-

cluindo contadores de água. O suspeito foi constituído arguido e sujeito a termo de identidade e residência, sendo a presente situação comunicada à autoridade judiciária competente. Foi ainda possível apurar que os objetos de natureza ilícita se destinavam a serem vendidos pelo arguido, no sentido de obter os proventos necessários para aquisição de produto estupefaciente para seu consumo. Por fim, o Coman-

do Regional da Polícia de Segurança Pública dos Açores pretende salientar que «continuará a promover amiúde operações policiais desta natureza, por forma a prevenir a prática deste e de outros tipos de ilícitos criminais e contraordenacionais e a repor e manter a ordem, tranquilidade e segurança pública, elevando, assim, o sentimento de segurança de toda a sua população».